

Mais do que agulhas e linhas



Arquivo pessoal

Na Biblioteca Escolar Comunitária Valéria Jardim, em Brasília, o crochê ganhou um significado ainda maior. Ali, as agulhas dividem espaço com livros, poemas e histórias de vida. A coordenadora Sandra Emília Barros de Sousa conta que o projeto nasceu para ampliar o papel da biblioteca dentro da comunidade.

“A ideia nasceu do desejo de transformar a Biblioteca Escolar Comunitária Valéria Jardim em um espaço cada vez mais aberto à comunidade. A ideia era mostrar que a biblioteca vai muito além dos livros: ela pode ser um lugar de convivência, aprendizado e troca de experiências”, explica. “O crochê surgiu naturalmente, por ser uma prática acessível, afetiva e capaz de reunir pessoas de diferentes idades em torno de um mesmo propósito: aprender, ensinar e conviver”, diz.

Para Sandra, literatura e artesanato compartilham a mesma essência. “Assim como os livros preservam histórias e saberes, o crochê também carrega uma tradição passada de geração em geração. Unir estas duas culturas faz muito sentido, porque fortalece a cultura, incentiva a convivência e aproxima a comunidade”, afirma.

Muitos participantes procuram mais do que aprender uma técnica. “Na última turma, tivemos participantes que vieram por orientação médica, utilizando o crochê como uma atividade complementar para promover o bem-estar e estimular a saúde mental, inclusive em casos de demência e doença de Alzheimer”, destaca. “O projeto fortalece vínculos, cria amizades, melhora

a autoestima e oferece um momento de bem-estar em meio à rotina. Muitas pessoas chegam procurando aprender crochê, mas acabam encontrando um espaço de acolhimento, escuta e pertencimento”, resume.

Os encontros inspiraram até uma iniciativa literária. “Aproveitamos esse rico compartilhamento de histórias para aproximar a literatura da arte do crochê, incentivando as participantes a registrarem suas memórias e experiências por meio da escrita. Ainda este ano lançaremos um livro de contos escritos pelas próprias participantes”, conta.

Entre tantas histórias, uma marcou Sandra especialmente. “Uma das participantes nos contou que era muito tímida, enfrentava um quadro de depressão e tinha dificuldade em encontrar um propósito para a vida. Quando chegou ao grupo, buscava apenas uma atividade para ocupar o tempo, mas encontrou muito mais do que isso. Hoje, ela se sente feliz, conquistou uma profissão confeccionando peças de crochê, criou laços de amizade e, o mais bonito: passou a ensinar outras pessoas”, relata.

Entre tradição e inovação

Especialistas afirmam que esse movimento está longe de ser apenas uma moda passageira. A física, professora e pesquisadora Anna Elisa de Lara encontrou no bordado um caminho para unir ciência e criatividade. “Venho de uma família que cultiva diversos tipos de manualidades e já tinha contato com bordado

em ponto cruz desde a adolescência. Mas o bordado livre só chegou na minha vida em 2019, durante um período difícil no puerpério do meu primeiro filho. Ali, o bordado livre me resgatou. Ele me ajudou a encontrar o caminho de volta para mim mesma, num momento em que eu não me reconhecia mais”, relembra.

Durante a pandemia, notou uma dificuldade comum entre bordadeiras: escolher e combinar cores. Sua formação em física apontou uma solução. “Como sou mestre em ensino de física, comecei a pensar sobre formas de estudar isso, sistematizar, criar um método e facilitar o acesso a esse conhecimento”, diz. A ideia virou um aplicativo que mediu, com um colorímetro, as 444 cores da principal marca de linhas do Brasil. “Paramos de escolher cores na sorte e passamos a ter um caminho objetivo que nos leva à harmonia”, afirma.

Para ela, tecnologia e artesanato podem ser aliadas. “A tecnologia pode não apenas oferecer formas de facilitar os processos mais desgastantes, como a criação dos riscos ou a escolha de cores. Mas, principalmente, aproximar os entusiastas do conhecimento e da oportunidade de começar uma nova atividade”, afirma. “Vejo a busca por atividades manuais como uma forma de reencontro, de resgate do prazer de fazer e de criar. Essas atividades devolvem a regulação, proporcionam benefícios semelhantes à meditação, permitem a expressão humana criativa e contribuem para a saúde mental”, explica.